

# IMAGINÁRIOS URBANOS: CONSTELAÇÕES DE IMAGENS DE SÃO PAULO

*Recebido: 12 de Abril de 2023 / Aprovado: 5 de Setembro de 2023*

[https://doi.org/10.14195/2182-844X\\_9\\_16](https://doi.org/10.14195/2182-844X_9_16)

**Artur Rozestraten<sup>1</sup>**

Arquiteto e Urbanista

## Resumo

Este artigo apresenta uma abordagem visual preliminar à proposta interpretativa de três formações constituintes dos imaginários urbanos paulistanos. Tais formações conjugam em si as noções de forma simbólica em construção e de mobilidade das imagens. Entrelaçadas e interdependentes, elas possuem raízes profundas na história da cidade e sobrevivem em constante movimento no cotidiano da metrópole contemporânea. O delineamento de tais formações, como hipóteses interpretativas, é parte dos resultados do projeto de pesquisa “Imaginários Urbanos” financiado conjuntamente pela FAPESP (2020/06258-3) e pela Université de Lyon, França, reunindo pesquisadores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) e do Centre Max Weber da Université Jean Monnet, em Saint-Étienne na França.

**Palavras-chave:** imaginários urbanos; poéticas urbanas; São Paulo; constelações de imagens

## Abstract

This paper presents a preliminary visual approach to the interpretative proposal of three formations that constitutes São Paulo's urban imaginaries. Such formations combine the notions of symbolic form in construction and images' mobility. Intertwined and interdependent, they have deep roots in the history of the city and survive in constant movement in the daily life of the contemporary metropolis. The proposition of such formations, as interpretative hypotheses, is part of the results of the research project "Urban Imaginaries" jointly funded by FAPESP (2020/06258-3) and the Université de Lyon, France, bringing together researchers from the Faculdade de Arquitetura e Urbanismo of the Universidade de São Paulo (FAUUSP) and from the Centre Max Weber of the Université Jean Monnet in Saint-Étienne, France.

**Keywords:** urban imaginaries; urban poetics; São Paulo; image constellations

---

<sup>1</sup> Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

ORCID 0000-0001-9030-6182

artur.rozestraten@usp.br

## Introdução

A partir das continuidades e rupturas decorrentes dos protocolos sanitários implementados no enfrentamento da Pandemia de COVID-19 em São Paulo, constituiu-se uma condição histórica singular que impôs outros ritmos ao cotidiano dos paulistanos durante meses. As experiências desiguais, paradoxais e contraditórias, vivenciadas ao longo deste período singular, estimularam afastamentos e aproximações aos espaços e às relações que formam o habitar em São Paulo sobre Piratininga. Tal condição fundamenta a proposição deste estudo sobre os Imaginários Urbanos, com base em uma aproximação crítica do campo teórico consolidado a partir das obras de Gaston Bachelard (1884-1962), Gilbert Durand (1921-2012), Roger Bastide (1898-1974), Cornelius Castoriadis (1922-1997), Pierre Sansot (1928-2005) e Jean-Jacques Wunenburger (1946).

Esta reflexão entende que, tanto a discussão dos Imaginários Urbanos da São Paulo contemporânea, quanto as possibilidades de debate da São Paulo do futuro demandam uma investigação crítica de permanente construção dos entendimentos acerca da longa duração do processo de constituição e de conformação dos lugares e das imagens que constituem esta cidade hoje e a constituíram em outros tempos.

Com este esforço, pretende-se contribuir com o reposicionamento e ressignificação de algumas questões centrais:

Quais são as vertentes fundamentais dos imaginários urbanos em São Paulo?

Que narrativas formativas, autoexplicativas, identitárias, projetivas enraízam-se em São Paulo?

Que arquétipos, símbolos e schèmes estão em movimento em tais mitos e constelações de imagens?

Como tais dimensões simbólicas se relacionam às questões contemporâneas e à imaginação do futuro?

## Conceituação

O termo formação é proveniente da meteorologia, ciência que estuda a atmosfera e seus fenômenos. Forma+ação, com o sentido de *gestaltung*, forma em construção, é mais preciso para a teorização acerca das formas que constituem e que se interrelacionam nos imaginários urbanos do que outros termos como: estrutura, vertente, fase, período etc.

Sua natureza, ao mesmo tempo característica, definida em termos formais – *cirrus*, *cumulus* e *stratus* –, e ativa, cambiável, propensa a mudanças, reúne qualidades análogas àquelas percebidas nos imaginários urbanos.

Sua condição gasosa, por sua vez, oferece uma materialidade mínima e suficiente para interações sensíveis, assim como para hibridismos, mesclas, interpenetrações, dissoluções, dispersões e desaparecimentos. Sua condição atmosférica, por outro lado, lhe confere a possibilidade de advento “*out of the blue*” sempre como originalidade absoluta e como reaparição, como sobrevivência.

Assim como o estudo das dinâmicas de formações de nuvens considera tanto condições sazonais cíclicas que amparam alguma previsibilidade de cenários, quanto a excepcionalidade intempes-tiva que se manifesta sem prenúncios, o estudo das formações dos imaginários urbanos também se alterna entre o reconhecimento de dinâmicas cíclicas mais lentas e profundas e de eventos disruptivos imprevisíveis.

No estudo de tais formações, que envolve uma abordagem analítico-arqueológica integrada a uma reflexão hipotético-interpretativa, a nova história – na vertente da Escola dos Annales – e a geografia humana são bases elementares que interagem com a dimensão antropológica e com suas manifestações simbólicas na constituição de ambientes urbanos.

Para tanto, como um recurso visual de fundamentação e compartilhamento sensível de imagens, esta investigação propôs e se valeu do recurso metodológico de anacronismo fotográfico polivalente. Conceitua-se tal procedimento como uma abordagem exploratória e interpretativa do imaginário, com alguma similitude com as reconstituições gráficas e tridimensionais características da Arqueologia e dos estudos patrimoniais. A polivalência se manifesta na validade da mesma imagem em tempos e lugares distintos. Em outras palavras:

De forma geral, que lugares fotografados ou fotografáveis, podem interagir e gerar uma constelação de imagens anacrônicas e válidas para outros lugares não-fotografados/fotografáveis?

De forma específica, que lugares fotografados no Brasil de ontem (desde meados do século XIX) e

no Brasil de hoje poderiam ser fotografias imaginárias de uma São Paulo que não vemos mais *in loco*?

Talvez hoje, para termos uma experiência multissensorial do que pode ter sido Piratininga, seja necessário visitar a Serra do Amolar no Pantanal mato-grossense < <https://agenciadenoticias.ms.gov.br/serra-do-amolar-e-destino-para-turismo-de-experiencia-no-pantanal-do-mato-grosso-do-sul/> >, e os parques nacionais da Chapada dos Veadeiros e das Emas em Goiás < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/53> >.

Tal artifício fotográfico é parte de um procedimento de deslocamento espaço-temporal mais amplo, característico da mobilidade das imagens, que se apresenta, por exemplo:

- nas fotografia “atemporais” do Pico do Jaraguá feitas por Caio Reisewitz (2020) publicadas pela Imprensa Oficial < <https://www.premio-pipa.com/2014/10/ultimos-dias-jaragua-mostra-individual-de-caio-reisewitz/> >;
- nas montagens fotográficas de Marcelo Zocchio que fundem e confundem o presente e o passado criando “Repaisagens” (2012) < <https://marcelozocchio.com.br/Repaisagem> >.

Antes de haver São Paulo, havia Piratininga – “*pirá-tininga*, o peixe a secar, o seca-peixe” (Sampaio, 1987: 303) – nome recebido em razão dos muitos peixes que ficavam secando ao sol com o recuo das cheias, quando o Anhembi (depois nomeado Tietê), o Tamanduateí, o Jurubatuba (depois renomeado como rio dos Pinheiros) e vários outros

cursos d'água dessa terra irrigada, úmida, fértil, abundante, voltavam aos seus leitos, recolhiam-se e entregavam seus peixes brilhantes como alimento aos homens e aos outros animais. Anchieta e Nóbrega sabiam que nem no Éden havia rios tão femininos, fartos e generosos, simultaneamente fonte de vida e caminhos de navegação.

Piratininga remete a um imaginário ritmado por ciclos que envolvem fenômenos pluviais – chuvas, neblinas, granizo, garoa – e fluviais com cheias e vazantes, favorecendo a proliferação da vida em múltiplas formas animais e vegetais. Piratininga é o lugar de início dos campos de cerrado do sertão, entre a Mata Atlântica e a Serra da Cantareira.

A toponímia da cidade, por sua vez, é masculina, cristã e animista na origem de sua história como núcleo ou posto interiorizado da colonização do Brasil. A cidade tem nome de santo e é isso que lhe conferiria uma alma, na perspectiva dos jesuítas, a partir de sua posição altiva sobre a várzea de Piratininga. A acrópole entre o Tamanduateí e o Anhangabaú foi “batizada” pelos jesuítas com o nome deste apóstolo póstumo, convertido. Não bastava batizar indígenas, era preciso também batizar os lugares para poder renomeá-los e inseri-los, assim, de forma ressignificada no processo cosmogônico da mitologia dos invasores e de seus descendentes.

### A Primeira Formação ou os Imaginários dos Encontros

O imaginário do primeiro século e meio de existência do núcleo que viria a ser São Paulo é

marcado pela sobreposição, imbricação e divergência de entendimentos sobre ações conflitantes e conflituosas:

- para os indígenas, a vida nas aldeias em Piratininga e arredores foi bruscamente alterada com a chegada dos *karaíba*, por seus interesses materiais, por práticas de conversão forçada, por doenças, violações, aprisionamento e alianças;
- para alguns brancos desgarrados, deu-se a oportunidade de adentrar o sertão para viver à margem da coroa, entre os indígenas, convertido, transformado e acolhido no grupo ou desgarrado, “cortando mato”, aqui e ali, o que iniciou a constituição de uma cultura depois denominada *caipira*;
- para uma parte dos portugueses, houve a consolidação do colégio jesuíta e a catequização de indígenas integradas a um processo de permanência, ocupação e exploração colonial empreendidas tanto por missionários jesuítas, quanto por representantes ocasionais da coroa portuguesa;
- para aqueles que seguiram João Ramalho, houve a implementação da apropriação e comercialização de escravos indígenas, sustentadas por alianças com grupos indígenas e escravização de prisioneiros de guerra, o que veio a sustentar a economia de subsistência local e a gerar o primeiro ciclo comercial entre o planalto e o litoral, vindo a fornecer mão-de-obra escrava aos engenhos no Nordeste do país. Fundava-se assim a cultura bandeirista

escravista que caracterizaria o segundo século da colonização paulista;

- para alguns empreendedores europeus, houve a implementação da *plantation* e da manufatura açucareira no litoral vicentino – atestada pelo Engenho dos Erasmos c. 1533 – e no planalto paulista, com a função adicional de “praça de guerra”, inaugurando a produção em larga escala no Brasil colonial.
- para aqueles que viviam na Aldeia, depois Vila de São Paulo, instaurou-se lentamente um cotidiano relacionado a ações que se realizavam fundamentalmente fora deste núcleo proto-urbano, sujeitas às alternâncias entre colaboração e confronto por parte dos indígenas e dos primeiros habitantes brancos, gerando conflitos armados como o Cerco de Piratininga;

Este Cerco, aliás, é o episódio mais marcante do mito de origem de São Paulo, pois relaciona-se ao fratricídio trágico e inaugural – como uma versão local do confronto bíblico entre Caim e Abel – que poderia ter ocupado uma posição chave no imaginário e nas interações simbólicas com as origens do que viria a ser a metrópole de São Paulo.

O Cerco ou Guerra de Piratininga ocorreu entre 9 e 10 de julho de 1562. Nessa data, a recém instituída Vila de São Paulo de Piratininga foi atacada por um grupo de indígenas contrários à presença dos jesuítas e à prática da escravidão imposta aos povos originários. Liderando esse grupo armado estavam o cacique Piquerobi e seu filho

Jaguaranho, irmão e sobrinho de Tibiriçá que, por sua vez, liderava a defesa da vila e dos jesuítas junto com seu genro, João Ramalho.

Na perspectiva desta pesquisa, o fratricídio cometido por Tibiriçá tem, para São Paulo, o mesmo relevo simbólico-mítico que o enfrentamento violento de Caim e Abel no Gênesis, ou o conflito entre Gilgamesh e Enkidu para a cidade suméria de Uruk, ou entre Rômulo e Remo para Roma.



Fig. 1 - Cain, óleo sobre tela de Friedrich Rehberg 1791-95, Museo de Bellas Artes de Bilbao, Espanha. No promontório entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, Tibiriçá se afasta do corpo morto de seu irmão, Piquerobi. O sangue derramado por Piquerobi é a terceira margem de Piratininga. Fonte: < [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Friedrich\\_Rehberg\\_-\\_Kain.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Friedrich_Rehberg_-_Kain.jpg) >

Os imaginários urbanos paulistas e paulistanos podem ser delineados em relação às transformações humanas, ao habitar e à ocupação ocorridos em torno do núcleo da Vila de São Paulo

do Piratininga, na extensão da Paulistânia, e não apenas no triângulo histórico.

Assim, haveria uma primeira formação de encontro, estranhamento, aliança, conflito, desencontro, conversão, ocupação, reencontro e domínio do planalto, a partir da “mesopotâmia”, entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, entre 1554 e o final do século XVII, mais precisamente 1694, quando se descobriu ouro no ribeirão do Carmo em Sabará-buçú e na serra de Ouro Preto, no que viria a ser a região das Minas Gerais.

Estes primeiros 140 anos, um século e meio, *grosso modo*, fomentaram o imaginário de uma cultura expansionista, centrífuga, externa à Vila de São Paulo de Piratininga, voltada para os sertões, dedicada à extração e ao comércio das riquezas do interior do Planalto onde havia almas a converter, indígenas a violentar e aprisionar, sonhos de minas, ouro e pedras preciosas. Esta cultura horizontal se estendeu em um vasto território do litoral e porto de Santos, São Vicente, a todo o território atual dos estados de São Paulo, Minas Gerais, incluindo a região serrana do Rio de Janeiro, parte do Espírito Santo, além do Paraná, Santa Catarina, Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, até as missões no Rio Grande do Sul, entrando ainda na Argentina, Paraguai e Bolívia, vindo a constituir a unidade do que se nomeou como Paulistânia (Fontes, 1934; Ellis Jr., 1948; Candido, 1964).

Neste amplo espaço geográfico resultante dos adentramentos paulistas veio a se constituir – lentamente, entre o século XVI e fins do século XVIII, com o movimento de “torna-viagem”, o retorno da

população urbana da região das Minas Gerais ao sul de Minas e norte de São Paulo, com o declínio da mineração – a cultura que Antonio Candido denominou como caipira e que hoje permanece viva e transformada na culinária, na música, nas expressões e sotaques ainda presentes na língua portuguesa local, além das técnicas construtivas e das configurações espaciais de edificações e espaços arquitetônicos, mais evidentemente rurais.

A primeira formação paulistano/paulista tem na condição imaginativa e afetiva do encontro com o outro – alteridade conhecida/desconhecida –, sua dinâmica ou regime fundamental. É preciso reconhecer e caracterizar a centralidade e a potência destes imaginários dos encontros na constituição do que foi e do que viria a ser São Paulo. O encontro com o outro – de ambos os lados, europeu e indígena – ensejou uma ruptura e um assombro com intensidade simbólica absoluta, basculando entre extremos vitais ou fatais, edênicos ou infernais. Algo como uma experiência máxima, vivenciada não apenas com a paisagem, mas fundamentalmente na interação entre seres humanos na construção da paisagem. Um sublime antropológico movendo-se entre a empatia, o amor e a morte.

A amplitude simbólica do encontrar se apresenta na própria etimologia do termo latino *in contra* que deriva em *incontrare*, com o sentido de ir contra, mover-se em sentido contrário, apresentando assim a contradição interna ao verbo que encarna a ambiguidade e o movimento abrangente, entre divergências e convergências. O encontrar é, a princípio, conflituoso. É contrário, antes de tudo. É avesso. O encontro não pressupõe acordo,



conciliação nem consenso. O ir contra é a própria potência (ou risco) do desencontro, sendo o contrato – *con tractare* –, o acordo, o pacto, a amizade, o amor, algumas de suas inúmeras possibilidades.

Tais características, próprias do encontro, conduziriam ao núcleo mesmo da formação da noção de símbolo:

*“Le symbolon désignait un objet coupé en deux (souvent un morceau de poterie), lors de la rencontre de deux hôtes; chacun en conservait la moitié qu’il transmettait à ses enfants. Les deux parties rapprochées servaient à faire reconnaître les porteurs et à prouver les relations d’hospitalité contractées antérieurement. Le « symbole » est donc un signe conventionnel, il témoigne dans une culture de l’obligation de rencontrer.”* (Sédat, 2008, p.202)

A partir do termo francês, *rencontre*, Sédat reconhece a condição reiterativa do prefixo *re-* sobre o núcleo latino original – o encontro que traz em si a cíclica de um reencontro – e sugere três dinâmicas distintas e complementares em torno dos imaginários dos encontros:

- uma vertente da imprevisibilidade ou do acaso (*hasard*);
- outra vertente da coincidência ou, poderíamos dizer, da volição e do projeto;
- e uma terceira vertente do destino, de uma pré-definição ou de um *a priori* inexorável.

## A Segunda Formação ou os Imaginários das Passagens e Metamorfoses

Entre o final do século XVII e o início do século XVIII, começa a ser delineada uma segunda formação de cultivo e consolidação de São Paulo: da ocupação do planalto paulista pela cultura bandeirista; de seus vários caminhos, passagens e paragens; dos engenhos de açúcar e de sua extensão comercial para as regiões mineradoras em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, entre o início e o final do século XVIII, antecedendo a cultura cafeeira do século XIX.

A cidade de São Paulo do início do século XVIII é um lugar de convergência de diversos caminhos fluviais e de terra batida, consolidados no cotidiano da heterogênea população paulista, ao longo de 200 anos de ocupação de Piratininga, do planalto, de trechos da Serra do Mar e do próprio litoral. O núcleo urbano paulistano de então, concentrava-se na “*lombada de campo alto, interposta às águas dos ribeiros Tamanduateí e Anhangabaú*” (Sampaio, 1900 apud Andrada e Silva, 1955), triângulo histórico original, sobre o qual se constituiu, gradualmente, um arruamento que recebia os caminhos do sertão e interligava o mosteiro de São Bento, o colégio dos jesuítas e a igreja dos franciscanos. A legenda de um dos primeiros mapas da cidade, do início do século XIX, original de Rufino José Felizardo e Costa, produzido entre 1807 e 1810, indica como arquiteturas principais as igrejas, o conjunto de seus mosteiros, a casa de câmara e cadeia, além das quadras genéricas ocupadas por um casario indistinto, com seus espaços de passagem e seus largos, onde se dava o comércio e as celebrações religiosas externas.

Este núcleo urbano compacto, feito de taipa caiada de branco, que sempre teve protagonismo nas ações de ocupação e atividade religiosa e comercial no amplo território da Paulistânia, era relativamente modesto, mas interligava-se a um vasto conjunto de propriedades rurais e de outros núcleos urbanos nos quais se intensificava a produção e o comércio. A extensão imaginária da cidade de São Paulo de então ultrapassava em muito seus limites físicos, suas imprecisas delimitações citadinas. Sua condição urbana era assim, paradoxalmente, reduzida e concentrada no outeiro de origem em Piratininga enquanto se esparramava e se conectava a uma vasta rede

difusa de caminhos – invisíveis da acrópole de taipa – que partiam e retornavam a este núcleo paulistano que era nó e portal. A cidade de São Paulo do terceiro século reafirmava-se como lugar de encontro, de paragem, de pouso, de compra e venda, de intercâmbios e trocas, de tomada de decisões que repercutiam alhures, caracterizando assim o afloramento de seus imaginários de passagens e metamorfoses.

Tais imaginários se relacionam à dimensão simbólica das trilhas, das veredas e picadas, dos atalhos, sendas e rotas, dos entremeios, dos acessos e retornos, dos meandros e labirintos.

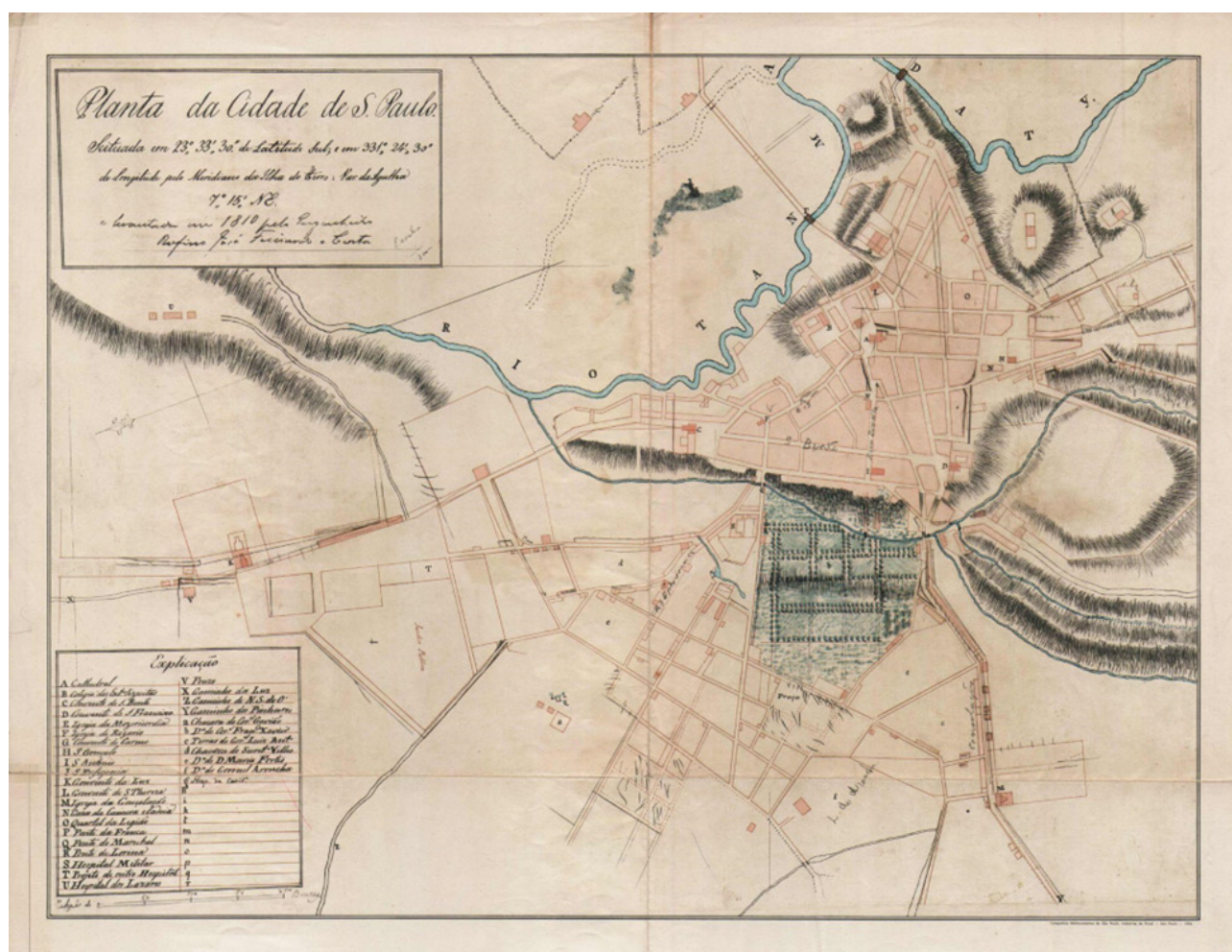


Fig. 2 - Planta da Cidade de S. Paulo, levantada em 1810 pelo Engenheiro Rufino José Felizardo e Costa, sem escala.  
Fonte: < <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1810.htm> >



mas também às ações de caminhar, navegar, esgueirar-se, deslocar-se furtivamente, penetrar, assaltar e abarcam as artimanhas, os artifícios, as técnicas e tecnologias relativas às transformações da matéria e às mutações desdobradas de tais deslocamentos. O passar, tendo o transcurso do tempo como paradigma simbólico, é mudança, é metamorfose. Mudar é deslocar-se, mover-se, reposicionar-se física, simbólica e existencialmente. A amplitude total destes imaginários considera também variações das imagens catamórficas: as quedas, os abismos, os descaminhos, os desfiladeiros cortantes, o fim da trilha, as encruzilhadas, a imobilidade.

Transforma-se o bandeirante inquieto, que se deslocava sem cessa, no monçoneiro planejado, ou, de forma mais radical no agricultor, no criador, no comerciante, todos dedicados à uma cultura sedentária cíclica, de entendimentos sazonais, de enraizamento nos lugares, de permanência e de culto do habitar.

Os seguintes aspectos se entrelaçam nesta segunda formação dos imaginários urbanos de São Paulo:

- o assentamento e a permanência da vertente abastada ou elite local, até então móvel e dedicada à apropriação extensiva de terras e ao aprisionamento, escravização e comércio de indígenas, agora dedicada diretamente à mineração no entorno dos núcleos urbanos de Minas, Goiás e Cuiabá, no Mato Grosso ou, indiretamente, dedicando-se à produção agrícola, manufaturas e/ou aos negócios com os núcleos de mineração;

- o afluxo de parte dos homens-livres “caipiras” da Paulistânia para os núcleos urbanos dedicados à mineração;
- a migração de outra parte da população para o Sul para o trabalho com a criação de gado e para outras regiões produtoras da Paulistânia estimuladas pelo comércio com as Minas;
- a intensificação da produção local, paulista e paulistana, que já abastecia o mercado interno para o comércio com as regiões de mineração;
- a chegada dos “emboabas” e de africanos escravizados nas regiões de exploração de minas e na cidade de São Paulo.

Haveria, assim, uma transmutação simbólica da mobilidade paulista, originalmente dedicada ao aprisionamento e comércio de indígenas, que se amplia às produções e negócios assentados, sediados: a produção agrícola, a pecuária e ao comércio de gêneros alimentícios e produtos manufaturados, interagindo com núcleos urbanos das regiões dedicadas à mineração, no Sudeste e no Centro-Oeste.

Tais imaginários relacionam-se também às passagens como interações e intercâmbios entre cidades e entre experiências de cidades, isto é, entre a cidade de São Paulo e outras povoações, aldeias, aldeamentos, freguesias, vilas e cidades com as quais São Paulo se relacionava, dentro e fora da Paulistânia, no Brasil e no exterior.

Os imaginários urbanos de São Paulo, desde então, passaram a evidenciar uma mobilidade



Fig. 3 - Tropeiro Paulista e Pedinchão de Esmolas, de Henrique Manzo (1896-1982). Acervo do Museu Paulista. Fonte: < [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Henrique\\_Manzo\\_-\\_Troepeiro\\_Paulista\\_e\\_Pedinch%C3%A3o\\_de\\_Esmolas,\\_Acervo\\_do\\_Museu\\_Paulista\\_da\\_USP.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Henrique_Manzo_-_Troepeiro_Paulista_e_Pedinch%C3%A3o_de_Esmolas,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg) >

de imagens oriundas de outras experiências urbanas, distintas, que não se restringem àquela experiência sensível direta, local, pontual, da acrópole entre o Tamanduateí e o Anhangabaú. A extensão, a diversidade e os movimentos destes imaginários urbanos são característicos de uma primeira transformação substancial na experiência urbana da cidade de São Paulo e as cidades mineiras são os núcleos principais desta dinâmica imaginária. Tais cidades, dedicadas a uma mineração tão ansiada desde os primórdios do século XVI, vêm estimular devaneios e fantasias de outras realidades possíveis, distintas e complementares àquelas da São Paulo de terra do triângulo original. A mobilidade da imaginação, os devaneios e o universo onírico dedicados ao urbano transitam entre a opacidade da taipa e a transparência dos cristais, entre a presença e a ausência de arquiteturas monumentais – igrejas douradas e palacetes urbanos prósperos –, de charizes com águas frescas, vivas e revigorantes, e

de suas dinâmicas cotidianas que oscilam entre a devoção casta e os pecados da carne.

A partir de São Paulo, talvez fossem imaginadas cidades mineiras como expressões arquitetônicas diurnas e ascendentes, verticais, estruturadas com o brilho solar e multicolor da esmeralda, da água-marinha, do diamante, da turmalina, do topázio, da granada, do olho-de-gato, da ametista, da safira, do rubi e do ouro. Tais cidades de fantasia, com a mesma inspiração que transformou o Arraial do Tejuco na cidade de Diamantina, poderiam ser a condensação da fartura mineral, sólida, reluzente e translúcida, tal qual uma cidade feita de diamantes, capaz de concentrar em sua incontestável materialidade preciosa, a imaterialidade enigmática da graça divina e das projeções de uma bem-aventurança transcendental.

Cabe lembrar que, comparada às vilas “ricas” mineiras, São Paulo era um núcleo urbano modesto. Em termos demográficos imprecisos, a população da cidade de São Paulo, em 1766, girava em torno de 3.820 habitantes; em 1777 possuía cerca de 4.409 habitantes; em 1794 havia dobrado a cerca de 9.359 habitantes, sendo metade “gente branca” (Andrada e Silva, 1958, p.16-17, p.40). A cidade entrará no século XIX com menos de 10.000 habitantes no “centro urbano” – Sé, Santa Ifigênia e Brás – e terminará o século com algo em torno de 240.000 habitantes.

Talvez, para tentarmos apreender uma condição multissensorial da São Paulo de então seja necessário revisitarmos as cidades mineiras, as cidades goianas, os núcleos de mineração do século XVIII

e imaginarmos, a partir de suas sobrevivências, uma cidade que não para de se transformar em outras. Com este mesmo intuito, caberia uma reproximação às imagens produzidas por Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), como a proposta por Ana Laura Assumpção (2019), ou ainda voltarmos o olhar às fotografias de Augusto Riedel (1836-?) das cidades mineiras de Diamantina, Ouro Preto, Mariana, Sabará e Lagoa, assim como às imagens de Chichico Alkmim (1886-1978) de Diamantina, atualmente no acervo do Instituto Moreira Salles em São Paulo.

É provável que, a partir da realidade cotidiana crua, sem idealização e plena de conflitos das cidades mineiras, houvesse também passagens para que São Paulo fosse, por sua vez, imaginada a partir de lá como uma alteridade, uma cidade outra, de onde se veio, onde se pretende ir um dia, quem sabe, para onde se quer voltar, onde se devaneia uma outra vida de riquezas, de trabalho ou de miséria, possibilitando passagens de homem/mulher escravizado(a) a homem/mulher livre e vice-versa.

Como se sabe, desde fins do século XVIII, São Paulo é uma cidade negra, com uma significativa população de ascendência africana – negros e mulatos constituíam 62% da população da província em 1872 –, entretanto, a Paulicéia nunca almejou reconhecer-se como tal e, ao contrário, empreendeu esforços sistemáticos coordenados pelo poder público com vista a seu “branqueamento” e à sua “europeização”.

Foi a partir da atividade de mineração, na virada do século XVII para o XVIII, que a presença de africanos se intensificou em São Paulo, vindos originariamente da Guiné, mas também de Angola, da Costa do Marfim, “*Congo, Cabo Verde, Moçambique, Monjolo e Rebolo*” (Schleumer, 2011, p.1), como mão-de-obra aprisionada e escravizada para a mineração, mas não apenas, pois vários dominavam e logo passaram a exercer ofícios específicos, dentre os quais a arquitetura, com destaque para Tebas (Ferreira, 2018).

Aliás, na trajetória arquetípica de Tebas – assim como na de Macunaíma – “*a metamorfose assume um papel fundamental e privilegiado, o de tentar representar e (re)formular a identidade brasileira*” (Martins, 2006, p.2), ambos com uma relação intrínseca e reflexiva com a cidade de São Paulo: são transformados pela cidade e a transformam, em uma interação mútua, reflexiva, cíclica e infinita, expressiva da mobilidade da imaginação e das imagens que germinaram no ambiente urbano paulistano do século XVIII e início do século XIX.

Diferentemente do senso comum<sup>2</sup>, sobrevive na São Paulo dos anos 2020 uma presença ancestral africana que a torna a cidade brasileira com o maior número de pessoas autodeclaradas pretas e pardas: 32% de sua população.

Caberia então perguntar, onde estão os negros na documentação fotográfica da São Paulo da segunda metade do século XIX?

<sup>2</sup> <https://guianegro.com.br/roteiro-por-sao-paulo-a-cidade-mais-negra-do-brasil-e-a-mais-subestimada-do-mundo/> >

Qual a iconografia fotográfica – imageria moderna por excelência – dos negros que construíram a cidade de São Paulo? Seria negra a mulher de costas que desce a rua Florêncio de Abreu pela calçada da direita, com uma cesta no braço e outra na cabeça, na fotografia de Militão de 1887, originalmente publicada no “*Album Comparativo da Cidade de S.Paulo 1862-1887*” (Fernandes Junior, Barbuy, Frehse, 2012)? Seriam negros os transeuntes anônimos borrados nas imagens fotográficas do “*Album*”, indistintos por estarem em movimento, trabalhando, caminhando pela cidade enquanto carregam coisas? São negros os condutores dos carros de aluguel puxados por duplas de cavalos na fotografia de Militão do Largo da Sé em 1887? São negros os “escravos” domésticos que cuidam do jardim ao centro da fotografia do fundo da Chácara Loskiell, feita por Militão em 1862?

Hoje, o olhar ativo e crítico dos fotógrafos e fotógrafas, negros e negras, como: Bruno Gomes, Bruno Nascimento, Bruno Pompeu, Daisy Serena, Deyse Santos, Douglas Kuman, Felipe C. Souza, Fernando Solidade, F, Georgia Niara, Gsé (Gesse Silva), Glauber Rafael, Ina Hds, India, Isabel Praxedes, Isabela Alves, Jessýca Alves, João Maia, Julia Ramos, Julio Cesar, Leonardo Antonio, Letícia Silva, Léu Britto, Kahmi, Marcos Batata (Cinekordel), Mariana Ser, Monica Cardim, Nego Júnior, Osmar Moura, Ras Sidimar, Renata Santos, Richner Allan, Roger Cipó, Rogério Pixote, Silvio Martins, Sérgio Fernandes, Tiago Santana, Wagner Celestino, dentre outros, propõe outras perspectivas, outras visadas, outras imagerias para a cidade de São Paulo e apresentam, assim, outras presenças negras nas imagens fotográficas e nos imaginários urbanos.

Imagerias que se multiplicam em imagens sonoras ecoando o “Negro Drama”, cantado pelos Racionais Mc’s com sua própria poética dos imaginários das passagens e metamorfoses, por todos os cantos de SP:

[...] *Nego drama*  
*Eu sei quem trama e quem tá comigo*  
*O trauma que eu carrego*  
*Pra não ser mais um preto fodido*  
*O drama da cadeia e favela*  
*Túmulo, sangue, sirene, choros e velas*  
*Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia*  
*Que sobrevivem em meio às honras e covardias*  
*Periferias, vielas, cortiços*  
*Você deve tá pensando [...]*  
*Veja, olha outra vez o rosto na multidão*  
*A multidão é um monstro sem rosto e coração*  
*Hei, São Paulo, terra de arranha-céu*  
*A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel*  
*Família brasileira, dois contra o mundo*  
*Mãe solteira de um promissor vagabundo*  
*Luz, câmara e ação, gravando a cena vai*  
*Um bastardo, mais um filho pardo sem pai*  
*Hei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é*  
*Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé*  
 [...]”

### A Terceira Formação ou os Imaginários da Diversidade

Os imaginários da diversidade foram germinados lentamente ao longo das duas primeiras formações mencionadas, mas afloraram e ganharam protagonismo no final do século XIX – especialmente a partir de 1870 –, virada para o século XX. Tal afloramento se deu como decorrência da pujança

econômica da produção cafeeira e do afluxo de imigrantes europeus e asiáticos; da expansão do núcleo histórico original e da urbanização de vales e morros nos arredores do triângulo, primeiramente do outro lado do vale do Anhangabaú e, gradualmente, agregando freguesias (como o Brás em mapa de 1855) e, ao longo do século XX, antigas vilas (dos Pinheiros, por exemplo em mapa de 1897), núcleos indígenas (como a Mooca) e aldeamentos jesuítas nos arredores (Gouvêa, 2010); da intensificação das interações com experiências urbanas e arquitetônicas estrangeiras, especialmente as europeias; e do debate contínuo acerca de uma identidade paulistana (e brasileira) que exclui, (des)contextualiza, problematiza e atualiza a presença/ausência das inúmeras contribuições indígenas e negras, africanas, em São Paulo.

Uma cidade habituada a gerir e relacionar-se com fenômenos espacialmente externos, conforme uma dinâmica centrífuga – na ampla e difusa Paulistânia –, transforma-se, desde o último quartel do século XIX, em um polo cosmopolita aglutinado de convergência de pessoas e de atividades para dentro de sua conformação urbana, em um processo centrípeto que demanda, conseqüentemente, uma expansão contínua de seus limites.

Com tal concentração, diversificaram-se rapidamente as origens, os sotaques, as musicalidades da fala e do canto, as indumentárias, os gestos cotidianos e os movimentos de dança, as celebrações, as etnias, os ritos, as receitas e a culinária, os ingredientes do dia a dia, a moda e o acesso a produtos industrializados, as possibilidades de trabalho, as expectativas, os sonhos, as formas do construir e as formas de habitar.

O todo da metrópole atual é o resultado de um “ajuntamento” de vários lugares específicos, com suas geografias próprias, suas histórias e identidades próprias, seus arruamentos, edifícios e espaços livres, suas trajetórias e transformações, suas peculiaridades que expõem, em suma, sentidos contraditórios e complementares de autonomia e de vínculo. Como se a extensão da Paulistânia de outrora se adensasse na região metropolitana. Para além da suposta homogeneidade de uma única grande mancha, toda aproximação revela várias outras manchas menores e assim infinitamente. O todo é uma heterogeneidade de pequenas manchas que reiteram a metáfora do tecido urbano resultante como uma colcha de retalhos.

A condição conflituosa, contraditória e paradoxal que brota de tal multiplicidade de lugares é aquela que apresenta a potência latente de um transculturalismo vigoroso que se apropria, transforma e reproduz a diversidade cultivando permeabilidades, enquanto assiste à cristalização de um multiculturalismo imiscível, envelopado, ensimesmado, refratário a hibridismos e a metamorfoses imprevisíveis.

Tal reflexão expõe as diferenciações necessárias entre pluralidade, multiplicidade e diversidade, sugerindo ainda uma condição trans imprescindível, que sugere ultrapassagem de fronteiras, trânsito e requer diálogo entre alteridades, permeabilidade, mobilidade e abertura a transmutações.

A diversidade manifesta-se, então, como heterogeneidade decorrente de um dilatado processo de diversificação – de atividades, de estéticas, de materiais, de sistemas construtivos, de programas, de ideologias, de modos de vida, por exemplo – e,



em seu avesso, manifesta-se como resistência às mudanças e contraposição ortodoxa e tradicionalista. Entre a hospitalidade, a simpatia, o racismo, o positivismo e a xenofobia delineia-se a mais recente das formações dos imaginários urbanos paulistanos.

Abordar a diversidade a partir do imaginário, considera que as formulações imaginativas em torno do tema contemplam um amplo arco simbólico desconexo de apropriações contraditórias, que inclui a própria assimilação e elaboração retórica da diversidade como meio para alienação da mesma (Vertovec, 2012), dentre outras perspectivas críticas.

No século XXI, o termo diversidade tem sido adesivado à cidade e, por extensão, ao estado de São Paulo. Tal estratégia de marketing urbano, no caso da capital paulista, pretende trazer à luz apenas a faceta que se entende como positiva no escopo da diversidade, especialmente aquela relativa à tolerância e à inclusão. Entretanto, o caleidoscópio dos imaginários da diversidade em São Paulo é bem mais complexo e oscila, potencialmente, entre as formas simbólicas da desigualdade, da diferença, da dessemelhança, da discrepância, da disparidade, da heterogeneidade, da discordância, da divergência, da contradição, da multiplicidade, da abundância, do sortimento, da reunião, assim como aquelas da segregação, da intolerância, da desagregação, da homogeneidade, da monotonia, da uniformidade, da homogenia, da conformidade, da isonomia, da paridade, da consonância, da equabilidade, da similitude, etc. Os inúmeros tensionamentos entre tais variantes simbólicas recombina-se e presentificam-se continuamente no cotidiano da metrópole paulistana do

século XXI, mesclando-se e entremeando-se aos imaginários dos encontros e aos imaginários das passagens e das metamorfoses.

Trata-se de uma questão contemporânea que transcende a condição específica de São Paulo e que remete às reflexões sobre a própria democracia:

*“La démocratie peut être définie de nombreuses façons, et je retiendrais ici celle qui en fait le seul système politique permettant de concilier l’unité et la diversité ou le pluralisme. L’unité peut être pensée en référence à la Nation, et/ ou, en France, à la République, « une et indivisible » et pour laquelle tous les individus naissent libres et égaux en droit. Elle peut aussi, en termes davantage sociologiques, renvoyer à la solidarité ou au lien social. La diversité renvoie à ce qui divise la société, à la multiplicité des valeurs, des intérêts, des orientations, des appartenances sociales, culturelles, religieuses, qui peuvent déboucher sur des conflits que la démocratie permet de traiter de façon non violente, sous la forme de débats, d’échanges, de négociations, de compromis.”* (Wieviorka, 2020).

A diversidade, de modo mais claro e direto do que a pluralidade – que pode indicar “mais do mesmo” –, evoca o anseio de que a coexistência entre diferenças, entre alteridades, não seja um fim em si, mas o início de uma transformação fundamental para a construção de outras formas de conviver e de habitar em sociedade, nas cidades do século XXI.

Cabe, então, perguntar quais espaços arquitetônicos, quais trechos de cidade, quais recortes de paisagem e quais objetos poderiam ser excluídos de tal quadro heterogêneo dos imaginários da diversidade? Não seriam estes imaginários

suficientemente abrangentes para tudo incluir em sua extensão hermenêutica?

Como comenta Henrique Siqueira na abertura do “*Atlas Fotográfico da Cidade de São Paulo e Arredores*” de Tuca Vieira (2020, p.15):

*“Como dimensionar o território de São Paulo e garantir a representação de sua diversidade? Quantos registros são necessários ao êxito de um projeto fotográfico com essas pretensões?”*

Tuca Vieira lidou com estas questões a partir da representação mapeada da cidade no “Guia 4 Rodas” articulada à proposição de uma imagem construída em cada setor. Sua constelação de imagens reunida no Atlas (2020, p.248):

*“[...] é visualmente um massacre [...]; mas isso corresponde, em grande medida, à nossa experiência da cidade de São Paulo. Não identificamos São Paulo, porque gostaríamos que ela fosse o encontro da Avenida Ipiranga com a São João, mas ela não é. Ao mesmo tempo, reconhecemos a cidade gigantesca. Não há dúvida de que estamos diante de uma megalópole do século XXI, e são poucas as cidades no mundo que têm esse aspecto do excessivo, do incomensurável, que se relaciona com a noção de sublime, que nos deixa perdidos e fascinados diante da grandeza. São Paulo tem isso.”*

É preciso considerar o espaço de acesso ao transporte público, dos pontos às estações, além das pontes, viadutos, passarelas, passagens subterrâneas, túneis etc. Logo, também, as margens, os espaços intersticiais, as zonas indefinidas, baldias, cinzentas, com limites imprecisos, as sobras e recortes entre ocupações com usos diversos, os

interstícios entre vias de circulação, pinguelas, passarelas e pontes que promovem conexões entre os dois lados de um rio ou entre trechos em desnível na topografia.

A partir de tais elementos, cabe estudar as adjacências de nascentes, cursos d’água, rios e córregos, quase todos tamponados, o que têm sido objeto de atenção de Vladimir Bartalini (2018) há décadas. Acrescenta-se a isso a vegetação ruderal que brota dos interstícios, das brechas e frestas esquecidas, fenômeno que tem sido objeto de estudo de Arthur Cabral (2020) nos últimos anos.

É fundamental reconhecer a interação entre homogeneidade e heterogeneidade nos tecidos urbanos dos bairros paulistanos e seus lugares internos, os micro bairros dentro dos bairros, as vilas, as quadras, etc. Assim como os espaços das praças, jardins e parques, como lugares públicos de encontro, metamorfoses e cultivo da diversidade.

Entram em cena também todos os edifícios públicos e seus entornos, os espaços de acesso, passagem e transição. Há que se considerar, sobretudo, as continuidades e discontinuidades entre espaço público e espaços privados, as sobreposições ambíguas, apropriações e desapropriações. Assim como a condição de abandono e ocupação. Os edifícios e complexos fechados e desocupados há anos, sua degradação e “retorno à natureza”, as ocupações para moradia, no centro e nas várias regiões da cidade. Há que se considerar ainda a desumanização presente na precarização crescente do habitar; no trânsito incessante da população que vive desenraizada à mercê da violência



Fig. 4 – Montagem com sequência de fotografias do “Atlas” apresentadas no website do fotógrafo Tuca Vieira. Fonte: <https://www.tucavieira.com.br/atlasfotografico>

nas ruas; na alienação das condições mínimas de infraestrutura urbana – água, esgoto, energia elétrica, gás, conexões e sinal de telefonia celular – que excluem e impõem inúmeras restrições a uma parte considerável dos habitantes de São Paulo; no estreitamento de horizontes do habitar, de expectativas de fruição da paisagem e de vivências

compartilhadas do espaço público da maioria da população paulistana.

É fundamental, ainda, o estudo das arquiteturas anônimas, da arquitetura “ordinária”, da produção não-monumental, cotidiana, banal, invisível e estigmatizada. A atenção aos microespaços, às



antecâmaras, aos espaços de serviço, de instalações, de acesso e passagem, às casas de máquinas, às áreas de serviço, aos espaços de guarda de resíduos, de reunião e descarte de lixo etc. Apresentam-se, assim, os lugares crepusculares, as subcentralidades dentro das centralidades, as periferias das periferias.

Nestes lugares manifestam-se material e simbolicamente as especificidades do habitar em São Paulo, as sobreposições de inúmeras contribuições nativas e estrangeiras, todas paulistanas, suas características e transmutações em cada detalhe, em cada intervenção concreta manifesta, com seus aspectos específicos e suas hibridações, suas mesclas heterodoxas e transculturais.

Em uma condição metá, há que se estudar, sem dúvida, com atenção crítica, os lugares dedicados à memória e à iconografia paulistana, seus acervos e as dinâmicas de crescimento e difusão de tais coleções. Como tais espaços reverberam a sobrevivência, a longa duração e as várias formações dos imaginários paulistanos? Como tais espaços se apresentam ou estão ausentes na Web?

Há que se considerar ainda as variações de intervenções, ocupações e formas de habitar nas franjas do que se entende por urbano, pretendendo reconhecer, frente a tal diversidade, quais seriam os critérios de inclusão e exclusão de lugares dentro do que é a cidade de São Paulo?

O que poderia ser deixado de lado? O que não precisaríamos estudar atenta e detidamente? Onde estão os limites, onde inicia-se o “não-ser” dos imaginários urbanos de São Paulo?

## Considerações Finais

Com base nas três formações constituintes dos imaginários urbanos paulistanos é possível organizar um esquema gráfico das principais matrizes simbólicas que, na longa duração da constituição da cidade de São Paulo, estiveram e continuam ativas, gerando dinâmicas complexas e abrangentes o suficiente para incluírem seus extremos opostos.

Porvir	Transculturação	Uniformidade
	Permeabilidade	Cerceamento
	Mutações	Opressão
Formações	Proximidade	Distância
	Diversidade	Similaridade
	Passagens	Bloqueio
Eflorescências	Metamorfoses	Estagnação
	Encontros	Desencontros
	Diferenças	Identidade
	Anseios	Medo
	Acolhimento	Violência
	Coexistência	Rupturas

Fig. 5 – Esquema gráfico relativo às 3 principais matrizes simbólicas das formações dos imaginários urbanos de São Paulo. Fonte: arquivo da equipe de pesquisa “Imaginários Urbanos” FAPESP.

Se as três formações apresentadas tiveram origem em períodos mais ou menos definidos e distintos da constituição histórica da cidade, na medida de sua coexistência, mesclaram-se e vieram entretecendo-se mutuamente gerando assim uma matriz formativa de porvires que, ainda assim, interage com as eflorescências primeiras, arcaicas e basais, que já estavam ativas em uma condição pré-colonial.

A cidade de São Paulo que podemos imaginar ao final deste artigo abarca imagens muito distintas daquelas mais óbvias, previsíveis e estereotipadas que eventualmente se apresentaram de início. Para além dos estereótipos, das imagens icônicas, consolidadas, outras imagerias foram construídas e sugeridas conforme as reflexões traçaram um caminho de aproximação, de análise, de elaboração de hipóteses e de interpretações que, agora, pode ser reconhecido metodologicamente, *a posteriori*.

Percebe-se, então, que o próprio processo de pesquisa constituiu uma poética interna metamorfoseadora ao transformar (pré)concepções iniciais em outros entendimentos e em outras imagens ao final. Sem deslocamentos, sem movimento nem transformação talvez não haja pesquisa, nem ciência, nem contrução de conhecimento. Talvez não haja nem mesmo sentido em empreender tais aproximações, sem que haja um anseio de advento de um “ser” que ainda não havia no início, o que enuncia um propósito projetual entremeado à investigação científica.

## Agradecimento

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), n. de processo 2020/06258-3.

## Bibliografia

- ANDRADA E SILVA, R de 1955, São Paulo nos tempos coloniais, in *Revista de História*, v.10, n.21-22.
- 1958, São Paulo nos tempos coloniais, in Azevedo, A, *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*, Volume II, A Evolução Urbana, São Paulo, Ed. Nacional.
- ASSUMPÇÃO, AL 2019, *Guignard: experiência em Ouro Preto por meio da representação pictórica* [doi:10.11606/D.102.2019.tde-26042019-130215], São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo.
- BARTALINI, V 2018, *Paisagens surgentes*, Tese (Livre Docência em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, doi:10.11606/T.16.2019.tde-05042019-142108.
- CABRAL, ASC 2020, *Uma poética dos interstícios urbanos: paisagens possíveis nas entrelinhas da cidade*, Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, doi:10.11606/T.16.2020.tde-13032020-102645.
- CANDIDO, A 1964, *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, José Olympio, Rio de Janeiro.
- ELLIS, JR. A 1948, *O ouro e a Paulistânia*, FFLCH, São Paulo.
- FERNANDES JUNIOR, R, BARBUY, H, FREHSE, F 2012, *Militão Augusto de Azevedo*, Cosac Naify, São Paulo.
- FERREIRA, A (org.), CERQUEIRA, CG, YOUNG, E, JACINO, R, CHIARETTI, M 2018, *Tebas, um negro arquiteto na São Paulo escravocrata*, Idea, São Paulo.
- FONTES, M 1934, *Paulistânia*, E. Poci, São Paulo.
- GOUVÊA, JPN 2010, *Cidade do mapa: a produção do espaço de São Paulo através de suas representações cartográficas*, 2010, Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, doi:10.11606/D.16.2010.tde-15062010-114308.



- REISEWITZ, C 2020, *Jaraguá*, Imprensa Oficial e Museu da cidade de São Paulo, São Paulo.
- SAMPAIO, T 1987, *O Tupi na geografia nacional*, Editora Nacional, São Paulo, INL, Brasília.
- SCHLEUMER, F 2011, *Recriando Áfricas: presença negra na São Paulo colonial*, in *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 46, fev.
- SÉDAT, J 2008, *La rencontre : trouvaille ou retrouvaille?*, in *Adolescence*, 2008/1 (T. 26 nº1), p. 201-219, DOI: 10.3917/ado.063.0201.
- VERTOVEC, S 2012, 'Diversity' and the Social Imaginary, in *European Journal of Sociology / Archives Européennes de Sociologie / Europäisches Archiv Für Soziologie* 53, no. 3: 287–312.
- VIEIRA, T 2020, *Atlas Fotográfico da Cidade de São Paulo e Arredores*, AYO, São Paulo.
- WIEVIORKA, M 2020, *Critique de la diversité culturelle : les métamorphoses du débat*, in *L'Observatoire*, 56, 13-16, <https://doi.org/10.3917/lobs.056.0013>.
- ZOCCHIO, M 2012, *Repaisagem*, Porto de Cultura, São Paulo.